

Os problemas do caso Petrobras

» SACHA CALMON
Advogado

É preciso dizer que o presidente Jair Bolsonaro não tem ideia, entre outras coisas, da importância da governança para uma companhia aberta, seja ela totalmente privada ou de capital misto. “No tocante à política de preços da estatal do petróleo, seus atos demonstram que ele também não sabe como resolver o problema”. O que o presidente quer é congelar o preço do diesel, analisa Fernando Torres, no *O Valor*.

É preciso entender que existem duas questões permeando este caso da governança das empresas de capital misto e outra referente aos preços dos combustíveis. Elas são interligadas. Começando pela primeira, está muito claro como é difícil entender os limites do artigo 238 da Lei das Sociedades Anônimas., o único problema é que a sua decisão de trocar o presidente da estatal não tem o condão de mudar isso. Ele optou por causar um prejuízo imediato de dezenas de bilhões de reais para os acionistas privados e estatais da companhia, incluindo a União e o BNDES, ao mesmo tempo em que o general Silva e Luna, seu indicado, não poderá lhe entregar o que deseja, que é o combustível barato para seus apoiadores caminhoneiros...(demagogia)

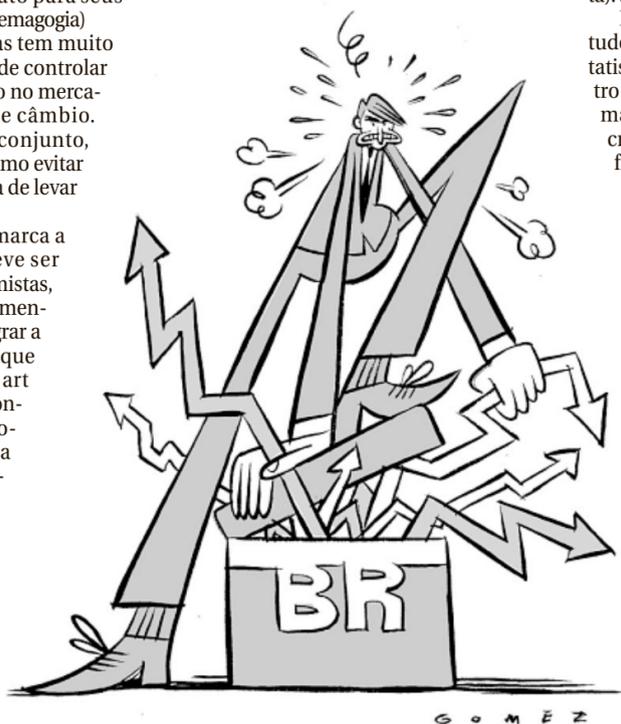
O presidente da Petrobras tem muito poder, não está entre eles “o de controlar cotações do barril de petróleo no mercado internacional e a taxa de câmbio. Quando os dois sobem em conjunto, como ocorre agora, não há como evitar o repasse de preços, sob pena de levar a empresa ao colapso”.

O dispositivo legal que marca a diferença de gestão que deve ser empreendida nas empresas mistas, em comparação com as puramente privadas, não obriga a sangrar a Petrobras. Foi justamente o que Dilma fez e se lascou. Diz o art 238: “A pessoa jurídica que controla a companhia de economia mista tem os deveres e a responsabilidades do acionista controlador (artigos 116 e 117), mas poderá orientar as atividades da companhia de modo a atender ao interesse público que justificou sua criação”. O problema tem solução. Basta privatizar a Petrobras ou que ela venda todas

(ou quase todas) as refinarias para empresas diferentes, perdendo o poder de determinar o preço dos combustíveis.

Ocorre que isso não resolve o segundo problema, que é o preço dos combustíveis. Não há competição local ou eficiência privada capaz de mudar o preço do Brent e do dólar. Este segundo caso parece ter um problema de diagnóstico. A queixa tem relação com a oscilação (para cima) dos preços num espaço curto de tempo ou com o patamar (elevado) dos preços? “Pedro Parente foi tirado da presidência da Petrobras pelo mesmo Temer que o nomeou sob o argumento de que os reajustes diários que tentou implementar traziam muita volatilidade para os caminhoneiros, que fechavam seus contratos de frete numa condição e a executavam em outra”. Somos um país ignorante!

“Castello Branco decidiu perseguir a paridade internacional com um intervalo de tempo maior, evitando repassar a volatilidade de curtíssimo prazo para a bomba, e também foi retirado pelo mesmo presidente que o indicou, o que mostra que o problema não é a frequência dos reajustes...”



Aliás, esse modelo de paridade com defasagem temporal não difere do que foi praticado nos anos FHC e Lula. “Ocorre é que essa política funciona bem quando as cotações oscilam, não mudam de patamar para cima indefinidamente”. “Medidas como a prática de fazer contratos de hedge de combustíveis, como proposto em artigo recente pelo professor Carlos Heitor Campani, ou a redução dos tributos, podem suavizar o repasse do preço no tempo”.

Nessa linha de baixa, os estados poderiam fazer o mesmo com o ICMS, e todos os entes federativos com os royalties e participações especiais. Mas nada disso impede que petróleo e dólar continuem altos e subindo, mais do que anulando o esforço que se possa fazer. A melhor alternativa é repassar o custo para a cadeia produtiva, para o conjunto da sociedade. Com os contratos de frete transferindo o risco de preço do combustível para os contratantes dos caminhoneiros, que, por sua vez, irão repassar para seus clientes, e assim por diante. (Com o poder demonstrado de parar o Brasil, eles têm condições de negociar com quem os contrata). Só falta apontar o pleito para o lado certo.

Bolsonaro não disse que privatizaria tudo? Conversa fiada. É mais socialista, estatista, do que se pensa. Esse Guedes é outro falastrão. Se faz passar por inteligente, mas é um pasmo, não sabe nada de macroeconomia. Vá se aconselhar com Delfim Netto... (O Guedes só entende de letra de câmbio e corretora de valores). Quando teremos privatizações?

Eu esperava um governo minimalista, privatizante, que empurrasse o capitalismo nacional e estrangeiro a assumir responsabilidades pelo crescimento do Brasil, criando emprego e renda. Qual nada! Tiro pela culatra. Vivem no mundo da lua. São ridículos, vivem no passado, na era das “ideologias”. Sabem qual é a maior corrente de comércio do mundo? EUA-China! Bolsonaro é surreal. É Dom Quixote a combater moinhos de vento. Depende da China e dela fala mal... Imagine se os IFAs das duas vacinas forem suspensos. Mas os chineses são responsáveis, não se ofendem com governantes imbecis.

Rupturas e possíveis futuros para a agricultura e a alimentação

» MAURÍCIO ANTÔNIO LOPES

Pesquisador da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa)

É pouco provável que a pandemia venha a reverter a globalização — processo que aprofundou as relações internacionais e a integração econômica, social, cultural e política no mundo, com impactos no comércio de bens e serviços, tecnologia e fluxos de pessoas, informações e investimentos. Mas é provável que a globalização acabe remodelada pelas muitas rupturas resultantes da atual crise. Forças geopolíticas e econômicas que operam há anos poderão ser intensificadas, acelerando mudanças nas relações entre países, no comércio internacional, na saúde e no bem-estar da sociedade.

Alguns movimentos geopolíticos dos últimos anos mostram grandes economias tendendo a empurrar a globalização para segundo plano, priorizando autossuficiência como forma de garantir empregos, segurança, estabilidade interna, capacidade inovadora e perspectivas econômicas renovadas. Vide o “nacionalismo econômico” adotado nos EUA por Donald Trump, seguido pela promessa de Joe Biden de gastar bilhões em aquisições no estilo “buy american”, alavancando investimentos com priorização para “empresas americanas, com produtos americanos e trabalhadores americanos”. A palavra “autossuficiência” tem também sido uma constante nos discursos e nas agendas dos líderes das duas nações mais populosas do mundo — China e Índia.

Esses exemplos ilustram um processo que poderá se amplificar, à medida que países abracem a autossuficiência como fonte de segurança e resiliência no mundo pós-pandemia. A despeito de todas as vantagens que mercados globalizados nos oferecem, cadeias de valor transnacionais são vulneráveis a riscos inesperados, que podem levar ao fechamento de fronteiras, a bloqueios e rupturas nas cadeias logísticas, além de fragilidades que podem emergir com economias poderosas buscando au-

tossuficiência. Esse é um cenário que poderá levar a rupturas importantes em setores críticos para a sociedade, como a agricultura e o sistema alimentar.

Antes mesmo da emergência da crise da covid-19, já crescia a percepção de que o sistema alimentar precisaria ser reinventado, para melhor cumprir a missão de fornecer alimentos acessíveis, seguros, nutritivos e aceitáveis para todos. Em certos setores, poucas empresas detêm o controle de fatias enormes de mercado, concentração que ganha cada vez maior número de críticos na sociedade. Agora, a pandemia alimenta ansios por autossuficiência, com fortalecimento da produção doméstica em busca de segurança. A expectativa é que a produção local e as cadeias curtas de suprimento ampliem resiliência e controle sobre o sistema alimentar, garantindo o abastecimento, movimentando economias locais, contribuindo para a superação de desigualdades sociais e exclusão, problemas que ganharam grande visibilidade na crise.

Outra ruptura potencialmente impactante para a agricultura é a “transição nutricional”, com demanda por alimentos associada às mudanças demográficas e às expectativas dos consumidores, processo que poderá ser intensificado pela pandemia. Cientistas projetam para as próximas décadas importantes mudanças no padrão de consumo e dietas, com redução de demanda por alimentos amiláceos ou energéticos, e maior procura por proteínas nobres, legumes e frutas (vide *American Journal of Agricultural Economics*, Vol. 101:383, 2019). Países de alta renda importarão menos alimentos, pois suas populações já consomem muito e crescerão pouco nas próximas décadas. E a mobilização global contra o desperdício, que hoje leva para o lixo até 30% do alimento produzido, tenderá também a reduzir a demanda no futuro.

Outra ruptura no horizonte é tecnológica.

Cresce em todo o mundo o investimento em fazendas verticais e estufas climatizadas, que poderão fortalecer a autossuficiência na produção de alimentos. A expectativa é de que fazendas verticais produzam, além de hortaliças folhosas, safras economicamente viáveis de frutas, legumes e grãos. Em artigo recente publicado pela Academia de Ciências dos Estados Unidos (PNAS Vol. 117:19131, 2020) cientistas descrevem a modelagem de uma fazenda vertical de trigo, com temperatura otimizada, luz artificial e altos níveis de CO₂, em estrutura de 10 camadas, equivalente a um hectare de terra. E concluem ser possível produzir anualmente entre 700 e 1.940 toneladas do grão por hectare, o que equivale a aumentos impressionantes de 220 a 600 vezes o rendimento do trigo produzido no campo.

Altos custos de infraestrutura e iluminação artificial ainda limitam tal modelo de produção, mas diversas vantagens já impulsionam vigorosa busca por sua viabilidade no futuro. Fazendas verticais demandam áreas pequenas, podem ser operadas o ano todo, reutilizam a maior parte da água, eliminam exposição a pragas e doenças e não perdem nutrientes para o meio ambiente. E podem ser acopladas a usinas de captura de CO₂ da atmosfera, que, injetado nas lavouras, eleva a produtividade. Com a disponibilidade de fontes renováveis e baratas de energia e aumentos nos preços de alimentos, a agricultura vertical poderá ganhar espaço, inclusive em áreas urbanas, em grande proximidade e sintonia com consumidores cada vez mais exigentes.

A globalização e a agricultura não perderão seus espaços no curto prazo, mas, certamente, serão pressionadas a se remodelar para o futuro. E uma grande nação agrícola como o Brasil precisa se habilitar a participar de forma ativa dessa remodelagem, o que só poderá ser alcançado com mais investimento em ciência, inteligência estratégica e capacidade de reinvenção.

Visto, lido e ouvido

DESDE 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

Guerra e paz

Foram para bem distante aqueles tempos em que oficiais de alta patente eram reconhecidos por serem indivíduos dotados de um sentimento avesso ao medo e às ameaças do inimigo. Contudo, a ausência prolongada de guerras e de conflitos sangrentos, em que a coragem e o destemor são o que restam como escudo contra os abusos e o avanço da morte, fez mal aos nossos militares. Nossos guerreiros são treinados virtualmente e em ritos enfadonhos e tediosos dentro dos quartéis, onde a burocracia cotidiana e monótona passou a ser a única batalha diária a ser vencida.

A paz prolongada, portanto, ao representar o que de pior pode suceder ao oficialato e às tropas, conferiu-lhes uma certa resignação, além de uma notável inanição para a ação. Com resultado dessa falta de ventos a enfiar as velas, as belonaves permanecem estacionadas no porto, acumulando ferrugem. A inércia faz mal às tropas, tira-lhes o ímpeto guerreiro e as conduz ao vale da preguiça.

Na ausência dessa agitação bélica, enfraquece-se, também, o caráter, roubando-lhes o ânimo e a alma. É no movimento que se fazem as batalhas. Pior do que esse marasmo prologado, que arrasta nossas forças em armas para a estagnação e a decadência, é com ele que se perde a possibilidade de fazer do preparo contínuo um escudo contra os abusos e o sibilar das balas traçantes de fuzil a cortar o céu, rente à cabeça. A única batalha a ser travada é contra a pachorrento cotidiano de atividades burocráticas e torturantes, prolongadas por um relógio de ponto preguiçoso.

É nesse cenário paradisíaco e pachorrento que são travadas as batalhas diárias de nossos bravos soldados. Terminado o expediente, o armistício diário é mais uma vez assinado com o retorno das tropas aos seus lares. A guerra contra o inimigo de mentira é o que existe de maior intensidade dentro dos quartéis. A paz, tão ensinada pelos cidadãos comuns e que tanto bem-estar traz à nação, é mortal para as tropas e para os comandantes.

De certo modo, é até possível observar que a ausência de conflitos armados, ao roubar os hormônios dos combatentes, deixa para trás uma tropa de mofinos, descartada como objeto usado. Talvez tenham sido esses fatores e mais alguns outros bizarros motivos que acabaram por produzir generais e outros comandantes de alta patente que, sem o menor pudor e pendor, vergam seus espinhaços aos desígnios inconsequentes e irracionais de políticos e outros aventureiros aboletados nos Três Poderes e que deles exigem atos humilhantes e pouco dignos.

Essa seria não uma, mas inúmeras carapuças que bem se acomodam sobre as cabeças de generais e outros áulicos estrelados, como é o caso do general Eduardo Pazuello, tristemente amedrontado e acuado perante a Comissão Parlamentar de Investigação para falar do que é obrigação ética e disciplinar de um militar: a verdade.

No tempo em que existiam generais de coragem cívica e bélica, uma convocação dessa natureza seria respondida com a presença imponente do depoente devidamente paramentado, acompanhado de duas maletas, uma, contendo documentos e recibos comprobatórios, outra, mais comprida, a acomodar um bastão de madeira ou algo pior para o caso de algum atrevidinho ousar denegri-lo em público.

Eram outros tempos, em que os homens se respeitavam ou no protocolo civilizado ou no porrete, não levando desaforo para casa, ainda mais de gente com ficha suja nas delegacias. A esses e outros altos oficiais que hoje desempenham papel nos gabinetes do Executivo, colocados em posição subalterna e, constantemente humilhados por grosserias e outras pilherias vinda de pessoas claramente desclassificadas e sem poder ético para tal, fica a certeza de que a ausência de guerra fez muito mal a todos da caserna.

» A frases que foram pronunciadas:

“Não fumo, não bebo, não prevarico e sou herói.”

General Montgomery, em discurso

“Eu fumo, bebo, prevarico e sou chefe dele.”

Winston Churchill, em resposta ao general

Parque Nacional

» Se os candangos não fizerem nada, a Água Mineral, parque com piscinas de água natural e vários hectares de verde, deixará de ser propriedade da cidade. Os idosos que iam tomar sol todos os dias, fazer exercícios, nadar, estão dentro de casa, perdendo a imunidade. Da mesma forma que a comunidade se uniu para defender o Parque Olhos d’Água, precisa se unir para salvar a Água Mineral.

Tentativa

» Sobre o assunto, Chico Santana publicou um texto em que informa que o Ministério Público Federal arquivou representação que tentava impedir a privatização. Veja no *Blog do Ari Cunha*.

» História de Brasília

E por último: os motoristas da TCB, como os trocadores, já deviam estar uniformizados. Andam sempre à vontade demais, camisa de peito aberto, sempre suja e mal-cuidada, com barba por fazer há vários dias.
(Publicada em 01.02.1962)